

TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DE PROFESSORAS NEGRAS NAS ESCOLAS PÚBLICAS EM GOIÂNIA-GO

SOUZA, Lorena Francisco de – IESA/UFG E-mail: lorenlune@yahoo.com.br
Orientador: Prof. Dr. **RATTS**, Alex – IESA/UFG E-mail: ratts@iesa.ufg.br

Introdução

A pesquisa em andamento apresenta como temática principal a compreensão sobre as trajetórias socioespaciais de mulheres negras no ofício de professoras. Propõe-se, dessa forma a fazer uma reflexão sobre as categorias gênero, raça – enquanto uma construção social – e espaço, abarcando uma relação entre elas a partir de leituras voltadas a estas temáticas.

Com esta pesquisa atentamos para a necessidade de compreender as trajetórias socioespaciais (escola, casa e outros “espaços”) vividas e construídas pelas professoras negras em Goiânia ao longo de sua existência, deparando-se com manifestações explícitas e implícitas de preconceito, discriminação, desvantagem no mercado de trabalho e de refletir sobre os espaços ocupados por tais mulheres enquanto professoras, mães e cidadãs.

A metodologia utilizada para a realização da pesquisa consiste em revisão bibliográfica sobre a temática relacionada ao objeto de estudo, coletas de dados sobre a presença de professoras negras em escolas estaduais e municipais do ensino básico, roteiro de entrevistas que explorem a história de vida das professoras, possibilitando uma análise dos espaços de confronto, sociabilidade e estranhamento de tais atrizes sociais perante a coletividade e o imaginário social. Também serão feitos mapeamentos das escolas distribuídas nos bairros em que a presença de professoras negras tem despertado a necessidade de uma organização que ressalte sua preocupação com a identidade étnica e, de certa forma, com seu ofício de professora, já que se deparam com momentos de repulsa ou admiração por parte da comunidade escolar.

Resultados e discussões

As diferenças sociais são frutos de um imaginário construído, firmado por mitos que insistem em permanecer na estrutura de uma determinada sociedade, como o da democracia racial. Assim discutir os espaços sociais e os lugares vividos por professoras negras permitem compreender o propósito de reflexão, mudança ou, em alguns casos, inércia deste grupo estigmatizado pela cor e pelo sexo.

Questionamos a presença destas mulheres em locais públicos e/ou privados demarcados pela sociedade atual a partir de observações em que é possível detectar a desigualdade racial nos mesmos. Assim, em que medida alguns espaços vão se delimitando como acolhedores da sociedade branca (SANTOS, 2002) em detrimento da população negra? De que forma as relações raciais vão adquirindo uma certa dimensão espacial? Como se configura as relações de gênero em âmbitos espaciais também

demarcados? Qual a relação da mulher negra com o espaço em que vive, incluindo aí as relações sociais e o perfil da sociedade que a cerca?

Considerar as relações entre gênero, raça e espaço é também papel da ciência geográfica em consonância com outras ciências preocupadas em investigar as relações sociais e suas manifestações no espaço.

No período colonial a função da mulher negra escrava se restringia ao trabalho na lavoura, aos afazeres domésticos, à manutenção da cozinha e cuidados com a “sinhá”, salvo algumas exceções de escravas libertas, mucamas (FREYRE, 1977) e vendedoras. No entanto, após este período, presenciamos nos dias de hoje a analogia entre as atividades da mulher negra daquela época e a mulher inserida na economia de mercado a partir de um quadro de desigualdades sociais, raciais e de gênero. A partir destas constatações, vemos que está presente ainda o imaginário de que a mulher negra é serviçal e inferior.

Quando nos referimos a professoras negras esse imaginário constituído pela inferioridade intelectual, social e racial da mulher negra é questionado, pois como salienta Gomes (2004), as mulheres negras quando tornam-se professoras “saem dos seus lugares”, aqueles predestinados pelo pensamento sexista, racista e das condições socioeconômicas da maioria da população negra no Brasil como a casa dos patrões para ocupar o cargo de professora que, ainda que seja questionado, é visto como possuidor de *status* social, pois tem o saber como elemento primordial.

A escolha pelo magistério representa o rompimento de uma história de exclusão impostamente estabelecida. A docência é o ponto culminante entre múltiplas rupturas e afirmações, como a luta pela continuidade dos estudos, a busca por uma profissão que lhe garanta espaço no mercado de trabalho, e, muitas vezes, a perspectiva de atuar em uma profissão que lhe possibilite um outro espaço de tempo para se dedicar a outro emprego ou conciliar as atividades domésticas (GOMES, 1995).

A constatação de que o magistério significa uma possibilidade de mudar o curso de uma história é perceptível no relato de algumas professoras entrevistadas. Segundo elas, a docência veio como uma atividade inesperada, fruto de pequenas oportunidades que foram surgindo e, que sem esperarem, acabou dando certo. Algumas até mesmo adentraram na sala de aula quando ainda eram estudantes de segundo grau e magistério e só depois é que decidiram optar por um curso superior de licenciatura. Estas mulheres negras também comungam com uma visão dura de suas realidades sociais, o que pesou na decisão de escolherem a profissão. A professora B, 22 anos, afirma que decidiu ser professora porque precisava escolher algo mais prático ao invés de profissões que exigissem um retorno financeiro mais demorado. A professora C, 23 anos, relata sua difícil condição social, as dificuldades financeiras na

adolescência que a fizeram optar pela licenciatura em detrimento de empregos em supermercados onde, constantemente, era desrespeitada e alvo de desconfiança dos patrões.

A chamada competência é um elemento com o qual algumas se preocupam muito, até porque, durante a licenciatura, presenciaram momentos com alguns professores que duvidaram da capacidade das mesmas, principalmente, no curso de letras em que a língua inglesa faz parte do currículo.

Conclusões

De acordo com Ratts (2003) existe uma intercessão entre as variáveis gênero, raça e espaço, o que significa dizer que há uma dimensão espacial das relações raciais e de gênero bem demarcadas e é por isso que há espaços em que determinados grupos sociais ou o indivíduo se sente(m) habituado(s) e outros que lhes são estranhos. E é neste âmbito que a pesquisa propõe-se a discutir a espacialidade da professora negra enquanto sujeito social, bem como as trajetórias socioespaciais percorridas por ela. Traçamos suas trajetórias espaço-temporais e procuraremos analisar o processo de mobilidade espacial e social dessas mulheres, seus espaços de lazer, a memória de espaços vividos na infância e adolescência, espaços de convívio profissional e afetivo-familiar que deram e dão contribuições para que elas se fortaleçam ainda mais enquanto educadoras.

A história brasileira sempre apresentou uma face bastante cruel quando referente à população negra e, graças a esse fato, os piores empregos, piores salários, más condições de saúde, moradia e educação têm sido relegadas a ela. Se buscamos a equidade, é preciso que as relações raciais em nosso país seja discutida na escola, já que herdamos uma concepção universalista de ensino que priva pela democracia e pela laicidade. Nenhuma dessas características no ensino ocidental eurocêntrico está presente, já que as crianças negras têm sido representantes de uma exclusão perversa e visível.

Como salienta Cavalleiro (1999), o racismo na escola pode acarretar a negros e negras uma auto-rejeição, baixa auto-estima, ausência de reconhecimento positivo diante de sua raça, dificuldade de aprendizagem, evasão escolar. Para brancos e brancas, esta prática incide em cristalizar um sentimento de superioridade e a perpetuação do racismo em outras relações pessoais e/ou afetivas.

A escola não se isenta de dar uma contribuição negativa à condição dos(as) estudantes negros(as), guardando, em sua maioria, materiais didáticos em que os(as) brancos(as) são referência de progresso

e beleza, reproduzem o linguajar pejorativo – “a coisa tá preta”, “humor negro” – presente em piadas e expressões corriqueiras, trata de forma diferenciada alunos(as) negros(as) e brancos(as). A preferência por um(a) estudante em detrimento de outro(a), muitas vezes, se dá de forma inconsciente, pois profissionais da educação também guardam em suas ações suas visões de mundo, contudo, dar maior atenção a estudantes brancos(as) marca profundamente a auto-estima dos(as) estudantes negros(as).

A instituição escolar nega a diversidade racial brasileira, pautando-se em máximas cristãs de igualdade ou no mito da democracia racial, minimiza os conflitos raciais como se não fossem demasiadamente importantes e, o que é pior, coloca-os no mesmo patamar de outros preconceitos voltados a outros grupos discriminados como se todos tivessem a mesma fonte e a mesma solução. Professoras negras não estão isentas da discriminação racial, enfrentam as dúvidas sobre sua competência profissional, mas acreditam no poder de transformação da educação e do importante papel que representam na luta anti-racista.

Referências bibliográficas

CAVALLEIRO, Eliane. Identificando o racismo, o preconceito e a discriminação racial na escola. In: LIMA, Ivan C. et al. (orgs.). **Os negros e a escola brasileira**. Florianópolis: Núcleo de Estudos Negros-NEN, 1999. (Série Pensamento Negros em Educação, n. 06)

FREYRE, Gilberto. A mulher e o homem. In: FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro/Brasília: J. Olympio, INL, 1977, pp.93-151.

GOMES, Nilma L. **Mulheres negras e Educação**: Trajetórias de vida, Histórias de luta. Disponível em: www.desafio.ufba.br/gt6-008.html. (Acessado em: 12 de novembro/2004)

_____. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

RATTS, Alex. **Gênero, raça e espaço**: trajetórias de mulheres negras. Comunicação apresentada no XX Encontro Nacional da ANPOCS, Caxambu-MG, out. 2003.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. In: SANTOS, Milton. **O país distorcido**: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002, pp.157-161.

Palavras-chave: Professoras negras/ gênero/raça/ trajetórias socioespaciais